

# Repensando o sentido de *pedagogia* em termos de uma avaliação pedagógica

por Margarida de Andrade Serra<sup>1</sup>, Paula M. de Andrade<sup>2</sup>, Gil Ferreira de Noronha<sup>3</sup> e Juliana Lima Costa<sup>4</sup>

O MEC exigiu na última reforma curricular que os cursos de graduação tivessem formas de avaliação pedagógica do currículo implantado, como também, das produções do corpo docente e do corpo discente de cada curso; todas as três avaliações devendo ser metodologicamente explícitas e criteriosamente sustentáveis. A Coordenação do curso de psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), pela sua complexidade e tamanho de seu curso, se viu diante de uma tarefa difícil já que o próprio termo 'pedagógico' parecia impor limites na confecção de parâmetros avaliativos quaisquer que fossem. Mas, percebeu que poderia criar uma forma de avaliação dinâmica que espelhará a qualidade de sua política de aceitação das diferenças, do estímulo ao novo, do fortalecimento dos discursos instigantes e provocadores do pensamento científico. Com esta finalidade, criou esta Comissão. Porém, desconhecíamos uma forma prática e organizada de avaliação dinâmica. Com este propósito, foi aberto um espaço anual de experiências avaliativas denominado Semana Pedagógica do Curso de Psicologia. E, nesta busca pela criação de uma avaliação dinâmica, já foram realizadas três Semanas.

Neste espaço estamos experimentando o que que-

remos, ou seja, um lugar onde desaparece aquele que pode falar ou aquele que pode sugerir uma atividade coletiva; um espaço onde todos professores e alunos possam se manifestar igualmente de forma ativa, se apresentando ou fazendo acontecer o que considera importante para todos ou para uma formação específica. A idéia é a de que todos façam acontecer aquilo que dá valor, aquilo que acreditam ser preocupação da psicologia. Assim, além dos encontros formais típicos de um Congresso com palestras e apresentação de pesquisas, vimos surgir o elemento diferencial de nossa avaliação como: encontros entre professores e alunos em torno de questões comuns do curso (ex: uma roda de conversa sobre que alunos formamos?); apresentação de temas cujo especialista não consta de nosso quadro efetivo (ex: psicologia do esporte); práticas do psicólogo que se desenvolvem após a academia (ex: Terapia da Gestalt); realização de trabalho envolvendo a coletividade da qual os funcionários fizeram parte (ex: pamonhada com poesia de Manoel de Barros na corda); apresentação de dança e de um número de circo, entre outras atividades culturais que fazem parte da vida de nossos alunos. Todos podem e devem falar quando se trata de analisar um processo de formação;

durante a Semana, por princípio, todas as partes integrantes do processo de formação do psicólogo dividem a mesma preocupação.

A cada Semana mudam-se os tipos de atividades oferecidas, mudam-se as propostas. Faz sentido porque a Semana é o hoje passando, está no devir; é o que está acontecendo na psicologia. É o que queremos pensar, acrescentar ou modificar no nosso curso agora.

O presente artigo é uma pulsação do que esta Comissão de organização, está sentindo no presente momento. Vimos nas plenárias finais que foram realizadas que, por unanimidade, foi votado a continuação deste formato avaliativo anual. No entanto, a Comissão organizadora, em suas reuniões, percebe que precisa se certificar de que o processo aberto esteja de fato somando o novo às experiências passadas como efeito desta avaliação dinâmica. Além disso, para garantir a continuidade do processo já aberto, acreditamos que devemos, como primeira atitude, aprofundarmos nosso conceito de valor para podermos, de forma sustentável, reavaliar o sentido da palavra pedagógico tal como acreditamos que está sendo aplicado. Acrescenta-se a estas duas preocupações, a preocupação sobre o objetivo geral da Semana; esta é a de saber se estamos, ou não, cri-

ando condições para análise da relação de poder entre professor e aluno, que será visto mais adiante.

Para pensar, re fletir ou criticar sempre partimos de princípios. São eles que norteiam nosso pensamento; são eles que criam os limites de nossas idéias possibilitando ou não a inclusão ou a exclusão de quaisquer fato ou acontecimento. Na Semana, somos regidos 1) pelo princípio de que todos podem contribuir como agentes da difícil tarefa de se avaliar um curso e, nos parece claro que 2) esta avaliação crítica deva ser atrelada a um movimento coletivo, uma vez que uma crítica isolada perde em profundidade ou extensão se não compartilhada. Desta forma, parece-nos que partimos de dois princípios. O que estamos precisando ver é como um princípio é também um valor.

Para entender avaliação, reavaliação e sentido temos nos utilizado do resumo feito por Gilles Deleuze (1976, p. 1) do projeto mais geral de Nietzsche com a introdução na filosofia dos conceitos de sentido e de valor. Diz Nietzsche, "temos sempre as crenças, os sentimentos, os pensamentos que merecemos em função de nossa maneira de ser ou do nosso estilo de vida". Aqui se encontra o local da emergência de nossos princípios (emergência nem sempre consciente). Numa crítica, podemos ver que, por um lado os valores

aparecem, ou se dão, como princípios: uma avaliação supõe valores a partir dos quais aprecia fenômenos. Porém, por outro lado, são os valores que supõem avaliações, "pontos de vista de apreciação" dos quais deriva seu próprio valor. O problema crítico é o valor dos valores, a avaliação da qual procede o valor deles, portanto, o problema de sua criação.

Fica claro que estes nossos dois princípios são os valores que norteiam a realização da nossa Semana. O que precisamos ter clareza é se são efetivamente eles que estão norteando o sentido pedagógico desta produção. É isto que estamos buscando.

Dos grandes pensadores que nos estimulam para a análise do Discurso, M. Foucault (1980, p. 45 e 58), G. Deleuze (1980, p. 95) e M. Bakhtin (1997, p.110), atribuem um sentido de camisa de força, de ortopedia ou de idéia acabada à palavra pedagogia. [Certamente desconhecem o sentido de pedagogia como prática da liberdade desenvolvido no importante trabalho de Paulo Freire (1970).] Mas, eles nos fazem entender que o signo é vazio, sendo o seu conteúdo preenchido por políticas e lutas históricas. Bakhtin (1985, p. 46) chega a afirmar que o interior do signo é a arena onde se dá a luta de classes. Assim, devemos entender que a palavra pedagogia traz com ela a dinâmica de sua história e de suas formas de luta pela dominação

do sentido que quer impor, ao mesmo tempo que devemos ter claro em nosso pensamento que demais sentidos possíveis estão capturados e dominados em seu interior, ou em sua periferia. Numa prática acadêmica, citamos opiniões de diversos autores sobre um dado problema. As relações daí advindas são relações de diálogos mas não são relações das palavras. Das avaliações escritas recolhidas entre os participantes estamos atentos ao que nos leva a ver uma mesma palavra passar por diferentes vozes a fim de que possamos colher um movimento de rebeldia ou de inovação para podermos afirmar que na Semana o sentido de pedagogia está no efeito de uma relação e não na cópia de algum discurso ou tipo de técnica previamente concebidos.

É com a perspectiva das relações de poder intrinsecamente constituídas na política dos saberes que estamos lidando quando da avaliação do nosso curso de psicologia. Os estudos de Michel Foucault (1992, p. 298) nos acompanham em todos os nossos passos, porém é o seu estudo de como analisar as relações de poder que serve de base para afirmarmos a necessidade de uma organização dinâmica para a realização da Semana uma vez que é o sujeito, e não o poder, que constitui o tema geral de suas pesquisas. Foucault deixa claro que as lutas nas relações de poder não são lutas de uma

oposição contra uma autoridade. São lutas que afirmam o direito à diferença e se opõem ao que poderíamos chamar de “governo pela individualização”, isto é, fazem uma resistência aos efeitos de poder que estão ligados ao saber, à competência, e à qualificação. Não é uma luta de se atacar um ao outro, mas uma luta ao poder que se exerce sobre nossas vidas cotidianas imediatas, que classifica os indivíduos em categorias, os designa por sua individualidade própria e lhes impõem uma lei de verdade que precisam reconhecer para serem reconhecidos. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos (temos aqui dois sentidos da palavra ‘sujeito’. O que controla e o que é controlado). Entre uma oposição e uma autoridade é preciso ver o que elas têm em comum. Com o espaço que é aberto com a Semana acreditamos poder dissolver temporariamente as relações de poder historicamente cristalizadas entre professor e aluno.

No que se refere às instituições (e a nós interessa as observações das instituições de ensino), para Foucault (op. cit, p.316), elas tomam um aspecto de um dispositivo fechado sobre ele mesmo com seus lugares específicos, seus regulamentos próprios, suas estruturas hierárquicas cuidadosamente desenhadas, e uma relativa autonomia funcional. Nas instituições, ações de uns estruturam o campo de ação

possível dos outros, sobre os outros, com a manutenção de privilégios. Assim, ao criarmos este espaço para avaliação pensamos ter conseguido uma linha de fuga, ou uma linha transversal, onde hierarquias, privilégios e instrumentos de classificação tradicionais ficam por uma semana deslocados, talvez até neutralizados. Acreditamos que a relação professor/aluno experimenta uma reconfiguração sem qualquer ameaça à própria instituição. Esta ao contrário, tem sua organização para lhes servir, para lhes dar força e expansão. A instituição assim, ganha uma nova dimensão que vem de encontro à expansão de todos no mundo do saber e do conhecimento.

Agora, a questão que se coloca é como deixar claro a política com a qual estamos intervindo na história da relação de ensino entre professor/aluno. Para responder esta questão, nós privilegiamos dois pontos que vem nos guiando na promoção da Semana. São pontos que destacamos do trabalho sobre Nietzsche Professor, de Rosa Maria Dias (1991, p. 75), inspirada na declaração de Nietzsche de que “É preciso devolver ao estabelecimento de ensino a vocação que lhes é própria: “fazer do homem um homem””. O primeiro ponto trata da Imitação criadora. Soa estranho mas é esta a recomendação de Nietzsche aos que querem se educar: ‘que procurem um modelo para imitar’.

A imitação a que se refere é ativa, deliberada, construtiva e permite a reconstrução do modelo, da superação de si mesmo e a anulação do efeito paralisante de sua época. Não é uma repetição passiva de um modelo, mas do que é exemplar e digno de ser imitado; deve encontrar o que tornou possível a sua criação, para mimetizar sua força criadora e transformadora. O exemplo é um estímulo para a ação e para uma nova configuração.

O segundo ponto destacado, trata da ciência e a arte (op.cit, p. 101). Apesar de existirem matérias que ensinem história da arte, a universidade não pode dar ao estudante um “adestramento artístico”. E para que poderia servir o “adestramento artístico” do jovem? Em uma única palavra, para a vida – disciplinando o “instinto desenfreado de conhecimento”, que domina todos os outros instintos, a ponto de colocar a vida em perigo. A ciência opõe a arte. Dias explica a finalidade desta oposição deixada bem clara por Nietzsche: “por meio da educação para a arte, o jovem universitário seria capaz de, primeiro, contestar a pretensão científica de tudo conhecer; segundo, conduzir o conhecimento de modo a fazê-lo servir a uma melhor forma de vida; terceiro, devolver à vida as ilusões que lhe foram confiscadas; quarto, restituir à arte o direito de continuar a cobrir a vida com os véus que a embelezam”.

Somos levados a crer que estes dois pontos acima estão presentes na nossa atitude de fazer acontecer todas as atividades que nos são propostas e coexistem com nossos princípios acima expostos. Sentimo-nos como agentes modificadores da dinâmica curricular a partir do momento em que todas as formas de criação para acontecer na Semana são aceitos, sentimento este que estamos empenhados em distribuir e passar adiante entre alunos e professores.

Se por um lado nosso diferencial se especifica, por outro como entender que nossa avaliação não faz senão reforçar o que já sabíamos: os poderosos, aqueles que sabem, se impõem. Acreditamos que esta relação se mantém, mas somos levados a crer que, durante a Semana, o poder se distribui não sendo mais um privilégio inerente à hierarquia desenhada pela nossa instituição.

Acrescentamos, à guisa de conclusão, a importância que damos à Semana. Em diferentes Congressos e Seminários, o óbvio se revela: tomamos conhecimento que o saber da psicologia não está limitado ao que se passa somente na UFF, embora estes saberes por lá circulem sem que necessariamente todos tenham acesso ao seu conteúdo. Spinoza nos alerta que este é um conhecimento do pior tipo: o conhecimento do ouvir dizer. Quando tomamos con-

sciência da existência de diferentes práticas e de estudos em andamento, nossa questão, em termos pedagógicos, aparece: como mantê-los circulando entre nós de forma consistente a fim de que uma avaliação do curso possa ser vista como de formação sólida e de qualidade? Se por um lado, nos deparamos com a necessidade de uma dinâmica diferente da habitual forma de troca de experiências no campo do saber e do conhecimento, por outro, tudo nos leva a crer que uma nova forma de promover diálogos, nova forma de fazer acontecer encontros e uma nova forma de pensar a dupla ativo/passivo numa formação acadêmica, está sendo realizada. Concluimos estamos aplicando um sentido pedagógico guiados pelos nossos princípios de valor; valores estes presentes nas avaliações feitas, por escrito, pelos membros participantes do evento. O que visamos é compartilhar este movimento com demais cursos■

#### NOTAS:

- 1 Doutora pela Faculdade de Educação da UFF. Mestre em Ciências da Língua pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. Paris. Mestre em Psicanálise pelo Centro Censier. Paris VII. Professora do curso de Psicologia da UFF.
- 2 Formanda do Curso de Psicologia da UFF. Membro da Comissão organizadora da II e da III Semana de Psicologia. Bolsista PIBIC/UFF.
- 3 Formando do Curso de Psicologia da UFF. Membro da Comissão organizadora da III Semana de Psicologia. Bolsista PROEx/UFF.
- 4 Formanda do Curso de Psicologia da UFF. Membro da Comissão organizadora da III Semana de Psicologia. Bolsista PIBIC/UFF.

#### REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- \_\_\_\_\_; Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Huitec, 1985.
- DELEUZE, G. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- \_\_\_\_\_; Mille plateaux. Paris: Les éditions de Minuit, 1980.
- DIAS, Rosa Maria. Nietzsche educador. São Paulo: Ed. Scipione, 1991.
- FOUCAULT, M. *Theatrum philosophicum*. Porto/Portugal: Anagrama, 1980.
- \_\_\_\_\_; Deux essais sur le sujet et le pouvoir. In: Dreyfus, H. e Rabinow, P.
- « Michel Foucault. Un parcours philosophique ». Paris: Gallimard, 1992; p. 297 e seg.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1970.